

Biblioteca Galante: a Gazeta de Notícias e a popularização da pornografia no Brasil pós-1870

Leonardo Mendes

Resumo

O trabalho discute a contribuição do diário carioca Gazeta de Notícias para a popularização da pornografia no Brasil pós-1870, quando crescem as atividades de edição e venda de impressos e aparece uma faixa reconhecível do mercado livreiro voltada para a literatura licenciosa. A Gazeta de Notícias foi um dos agentes do novo jornalismo que atuou na difusão dessa literatura. Em 1878, publicou a “Biblioteca Galante”, uma coleção de livros licenciosos baratos; e em 1896-1897 criou a coluna satírica “O Filhote”, voltada para conteúdo adulto e licencioso. A pesquisa se baseia em estudos recentes de História Cultural e na leitura da ficção e de periódicos luso-brasileiros do período. Revela a formação de um público de literatura popular e licenciosa que animava a imprensa e o mercado livreiro. Pela virada do século, a pornografia era comercializada abertamente nas livrarias das cidades e guardada em baús nas casas burguesas.

Abstract

The paper discusses the contribution of the Rio de Janeiro daily Gazeta de Notícias to the popularization of pornography in Brazil after 1870, when the publishing and printing activities expanded, and a recognizable part of the book market turned to licentious literature. Gazeta de Notícias was one of the agents of the new journalism that contributed to the dissemination of this literature. In 1878, the editors published the “Biblioteca Galante”, a collection of inexpensive licentious books; and in 1896-1897 it featured the satirical column “O Cub”, focused on adult and licentious content. This article draws on recent studies of Cultural History and on the reading of fiction and periodicals of the period published in Portuguese. It highlights the expansion of the readership of popular and licentious literature that animated the press and the book market at the time. By the turn of the century, pornography was openly marketed in city bookstores and found in many middle-class households.

A década de 1870 marca uma mudança de visão de mundo, tendências, gostos, modos de ver e sentir no Brasil. A criação do Partido Republicano naqueles anos foi apenas um sintoma da perda crescente de autoridade do regime imperial, de seus aparelhos ideológicos e produtos culturais. O país saiu vitorioso da Guerra do Paraguai (1864-1870), mas o sistema monárquico, assentado na monocultura do café e na mão-de-obra escrava, entrou em declínio, culminando no fim da escravidão legal em 1888 e na deposição de Pedro II em 1889. Essas rupturas foram o pano de fundo de mudanças nos hábitos culturais que incluíam a disseminação da leitura e da cultura impressa. O Brasil pós-1870 viu o aparecimento do jornal barato e do livro popular. Crescem as atividades de edição e venda de impressos. O número e formato de jornais e periódicos se multiplicam (Mello, 2007; Sodré, 1983). No Rio de Janeiro e em São Paulo aparecem novas tipografias, editores e livrarias (Deaecto, 2011; El Far, 2004). Novas técnicas de impressão e encadernação barateiam o livro. Por uma pequena taxa, os impressos podiam ser enviados pelo correio para qualquer endereço válido no Brasil, aproveitando as rotas de navegação e comércio de cabotagem ao longo da costa e sistemas ferroviários na Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre (Barbosa, 2010). A partir de 1870, delineia-se um novo mercado de livros populares voltado ao leitor não letrado.¹

Um livreiro que fez fama e fortuna na comercialização do livro popular foi Pedro da Silva Quaresma (1863-1921), da Livraria do Povo, no Rio de Janeiro. Ele abriu a primeira loja em 1879. Por volta de 1890 tornara-se um dos livreiros mais conhecidos da cidade, atuando como distribuidor de material para os comerciantes de outros estados. Sua trajetória bem-sucedida revela a existência de um dinâmico mercado de livros populares no fim do século XIX (El Far, 2011). Quaresma vendia livros em quatro nichos: 1. Livros para fins práticos, como o popularíssimo *Manual dos Namorados*, por D. Juan de Botafogo (que ensinava a expressar sentimentos e escrever cartas de amor); 2. Livros sensacionalistas, curtos e fáceis de ler, como o “romance de sensação” *Elzira, a morta virgem* (1883), de Pedro Viana; 3. Livros para crianças, como a adaptação dos *Contos da Carochinha* (1894); e 4. Livros pornográficos, os chamados “Livros (ou Leitura) para Homens”, como o romance naturalista *O aborto* (1893), de Figueiredo Pimentel (1869-1914). Tais iniciativas foram grandes sucessos editoriais de Quaresma, sendo que *Contos da Carochinha* foi continuamente reimpresso até meados do século XX (Leão, 2012). “Livros para homens” eram o eufemismo predileto das livrarias para designar a pornografia (Mendes, 2016b).² Quaresma vendia dezenas de títulos

¹ Chamamos de “leitor não letrado” aquele que sabia ler, mas não conhecia história literária e nem compartilhava o gosto literário das elites.

² Apesar de sugerir uma interdição patriarcal, a expressão “livros para homens” era uma pilhéria do comércio livreiro que servia para atrair compradores de qualquer sexo e idade. Há várias evidências de que as mulheres compravam e liam “livros para homens” (Mendes, 2016b, 2017 e 2019).

no gênero, em vários formatos e preços. No Brasil pós-1870 aparece uma faixa reconhecível do mercado livreiro voltada para impressos pornográficos.

Nesse estudo vamos conhecer o papel desempenhado pelo diário carioca *Gazeta de Notícias* na normalização desse mercado e na difusão de literatura pornográfica no fim do século. O periódico foi tremendamente influente no período. Permitir que esse tipo de escrita fosse publicado em suas páginas (ou fosse associada ao seu nome) era uma inovação audaciosa e uma importante validação que não passou despercebida pelos setores católicos e conservadores. A imprensa conservadora atacava incansavelmente a *Gazeta de Notícias* por difundir pornografia e, ao mesmo tempo, projetar a imagem de jornal sério. Periódicos como *O Apóstolo*, ligado à Diocese do Rio de Janeiro e impresso pela Livraria Católica, acusavam a *Gazeta de Notícias* de ser um jornal ateu e libertino, que publicava pornografia com o único intuito de atrair compradores e aumentar as vendas. Mas a boa aceitação e o incremento nas saídas do jornal mostravam que havia um público e um lugar para a pornografia impressa naquela sociedade, apesar da necessidade da discrição. Em pelo menos dois momentos a *Gazeta de Notícias* fez incursões no novo mercado de literatura pornográfica. Em meados de 1878 publicou a “Biblioteca Galante”, uma coleção de livros licenciosos baratos, voltados ao leitor de baixo poder aquisitivo; e entre 1896 e 1897 publicou na primeira página a coluna satírica “O Filhote”, voltada para conteúdo adulto e licencioso, obtendo grande sucesso.

No imaginário dominante de leitura, os escritos e impressos que surgiram desses empreendimentos eram classificados como “pornografia”. A palavra era conhecida e usada no sentido moderno de representação realista de nudez e sexo criada para causar sensações físicas nos leitores (Hunt, 1999). Outras palavras circulavam na imprensa e nas conversas literárias como sinônimos de pornográfico, tais como erótico, obsceno, imoral, libertino, galante e – nos circuitos letrados – fescenino, remetendo a uma tradição de poesia erótica e satírica portuguesa que vinha do cancionero medieval. No final do século XIX não havia a distinção que fazemos hoje entre “erótico” e “pornográfico”, significando, o primeiro, uma forma implícita e palatável de representação de atividade sexual, e o segundo, sua representação explícita e proibitiva (Maingueneau, 2010). Não havia fronteiras bem definidas entre esses vocábulo e por isso eles serão usados alternadamente nesse trabalho. Ao invés de um modo de representação, a pornografia é um modo de ler (Moulton, 2000). É um conjunto de impressos que uma sociedade classifica como capazes de despertar a imaginação licenciosa dos leitores, como “livros que se leem com uma só mão”, na expressão conhecida de Jean-Marie Goulemot (2000), ou “Leitura para Homens”, no circuito luso-brasileiro. Eram livros ligados à diversão e à masturbação, para serem guardados e lidos em segredo. A partir de 1870 eles se multiplicam e barateiam.

Gazeta de Notícias

O diário carioca *Gazeta de Notícias* foi criado em 1875 pelo jornalista José Ferreira de Souza Araújo (1846-1900), conhecido como Ferreira de Araújo, que o dirigiu até o ano de sua morte, em 1900. A *Gazeta de Notícias* foi o primeiro jornal brasileiro a ser vendido avulso, em quiosques e pelas ruas da cidade, por meninos vendedores, ao preço módico de 40 réis, enquanto o conservador *Jornal do Commercio* saía a 100 réis e só era vendido por assinatura. Foi a primeira folha a se apresentar como “imprensa neutra”, o que não significava não ter opinião, mas não ter vínculos com grupos de poder ou partidos políticos, como ocorria com o jornalismo até então (Pereira, 2004). A reivindicação de “neutralidade” permitiu ao periódico de Ferreira de Araújo tornar-se notório e influente na sociedade brasileira do fim do século, legitimando-se como “intermediário entre o público e a sociedade política” (Barbosa, 2010, p. 98). Até os concorrentes reconheciam que a *Gazeta de Notícias*, pelo seu alcance e sucesso, onipresente nos bondes e nas barcas, nos tálburis e nos cortiços, foi o primeiro jornal brasileiro a encarnar uma “opinião pública” (Simões Jr, 2007, p. 188). Trazia quatro páginas com oito colunas. Publicava notícias, mas abria espaço para a prestação de serviços e o entretenimento. Para se manter barato, reservava metade do espaço para a publicidade. O aparecimento da *Gazeta de Notícias* marcava um processo de democratização da imprensa brasileira (Miné, 2005).

Parte do sucesso do periódico vinha do investimento em literatura (Lima, 2010). Ferreira de Araújo era ligado aos homens de letras e tinha aspirações literárias, assinando contos, colunas e editoriais com os pseudônimos Lulu Sênior e José Telha. Ele era médico e na juventude planejava escrever para o teatro. Olavo Bilac (1864-1918) dizia que Ferreira de Araújo encarava o jornalismo como uma forma de poesia (1996, p. 187). A *Gazeta de Notícias* apoiava as artes e acolheu escritores de várias gerações. Havia espaço para poemas, contos, crônicas e o obrigatório folhetim. Machado de Assis colaborou durante anos e assinava a prestigiosa crônica dos domingos, “A Semana”. De Portugal, Eça de Queirós e Ramalho Ortigão enviavam notícias e crônicas. Ferreira de Araújo também apoiava jovens escritores em ascensão, como Bilac, Coelho Neto (1864-1934), Pardal Mallet (1864-1894), Guimarães Passos (1867-1909), Pedro Rabelo (1896-1905), Adolfo Caminha (1867-1897), Valentim Magalhães (1859-1903), entre outros. A *Gazeta de Notícias* foi o primeiro jornal a remunerar os autores pelos escritos. Na década de 1890, Machado de Assis chegava a receber 50.000 réis por crônica, mas a regra era receber metade desse valor, numa época em que o salário médio do funcionalismo público era 300.000 réis e uma refeição barata numa pensão no

centro da cidade custava 1.000 réis. Muitos escritores deviam suas carreiras à exposição obtida no periódico de Ferreira de Araújo.



Fig. 1: Ferreira de Araújo, o Lulu Sênior, proprietário e redator-chefe da *Gazeta de Notícias*, na charge de Julião Machado. *A Cigarra*, 6 jun. 1895, p. 1

Outro fator que contribuiu para o sucesso da *Gazeta de Notícias* foi o investimento no humor. No folhetim do primeiro número, Lulu Sênior reivindica o riso da mocidade como marca fundacional do periódico e dá conselhos aos jornalistas mais velhos sobre o bem viver: “Se queres viver o que te resta, se queres gozar o que aprendeste, faz como eu que ainda estou aprendendo: alija a pesada carga dos cuidados e ri, que este mundo só é um vale de lágrimas para quem não quer rir” (1875, p. 1).³ O mandamento do riso materialista e desiludido como política editorial se apoiava na literatura pagã do Renascimento e na famosa epígrafe de *Gargântua* (1534), de Rabelais: “Antes risos que prantos descrever, sendo certo que rir é próprio do homem” (1996, p. 19). A obra de Rabelais era o local em que a cultura letrada testava limites de obscenidade, humor e tolerância (Mendes & Moreira, 2019). A sátira era um dos canais consentidos da crítica ao *status quo*. Era nas seções humorísticas que o leitor da *Gazeta de Notícias* encontrava as críticas mais ácidas à Igreja e à cultura patriarcal. Ferreira de Araújo fazia questão de seções divertidas e ao longo dos anos

³ Os periódicos foram consultados *online* e estão disponíveis em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

criou várias colunas que misturavam humor e notícia. “O Filhote”, sobre o qual falaremos por último, foi a melhor encarnação do riso rabelaisiano na *Gazeta de Notícias*, mas a fórmula já havia aparecido nas crônicas de “Balas de Estalo”, assim como nas colunas “Macaquinhos no sótão” e “Omnibus” (Ramos, 2005).

“Biblioteca Galante”

Desde a década de 1830 os jornais usavam suas tipografias como base de negócio para a produção de livros (Santana Jr, 2007). A “Biblioteca Galante” foi uma iniciativa da *Gazeta de Notícias*, que em 1878 publicou impressos baratos voltados ao novo mercado de “Livros para Homens”. O adjetivo “galante” vinha do imaginário libertino e era senha conhecida de conteúdo licencioso.⁴ Os principais endereços de venda dos impressos eram a redação do periódico, na rua do Ouvidor, n. 70; e a sua tipografia, na rua Sete de Setembro, n. 72. A folha foi o principal divulgador das obras, anunciando-as continuamente em meados de 1878. A “Biblioteca Galante” seguia a moda da venda de livros em fascículos a preços reduzidos, numa encadernação barata, na trilha da “Biblioteca de Algibeira” da Livraria Garnier, que vendia romances de Émile Gaboriau (1832-1873) e Xavier de Montépin (1823-1902) por 1.000 réis em brochura, ou por 1.500 réis com capa dura. Para efeito de comparação, a mesma livraria vendia os volumes da “Biblioteca Universal”, que incluía os romances de Machado de Assis, por 2.500 réis em brochura e 3.000 réis com capa dura (Silva, 2010). Entre julho e setembro de 1878, a *Gazeta de Notícias* publicou diariamente cadernetas de 15 páginas que eram vendidas a 40 réis cada, o mesmo preço da edição diária do jornal. Um romance que se esgotasse em 20 cadernetas teria 300 páginas e sairia por 800 réis, uma pechincha.

O primeiro título da “Biblioteca Galante” foi o romance *O primo Basílio* (1878), de Eça de Queirós, recém-publicado pela Livraria Chardron, do Porto. Quando chegou ao Brasil em março daquele ano, a obra obteve um sucesso inaudito. O livro, escreveu o contemporâneo Aderbal de Carvalho, “caiu no nosso meio como uma verdadeira bomba de dinamite, fazendo o estrondo mais forte de que há notícia nos nossos anais literários, escandalizando a pacata burguesia, ofendendo a pudicícia dos nossos mamutes intelectuais, da nossa arqueologia literária” (1894, p. 145-6). A percepção de que *O primo Basílio* era um livro pornográfico era generalizada e sua reedição na “Biblioteca Galante” não causaria espanto aos contemporâneos. Assinando com o pseudônimo Eleazar, Machado de Assis

⁴ Na imprensa oitocentista, “galante” era uma palavra ambígua, dotada de conotações positivas e negativas, a depender do contexto comunicacional. Podia significar elegante, atraente e educado, mas também libertino, devasso e pornográfico. A “crônica galante” era um eufemismo da vida nos prostíbulos, mas uma mulher (ou criança) “galante” significava que tinha boas maneiras e exibia apuro no vestir.

reproduziu a opinião dominante e condenou a obscenidade do livro (1878, p. 1). A crer em Gonzaga Duque (1863-1911), *O primo Basílio* foi obra famosa e cobiçada entre jovens e adolescentes (Duque, 1900). No conto “A chuva” (1888), do escritor catarinense Virgílio Várzea (1863-1942), o narrador guarda seu exemplar do “livro mais querido, *O primo Basílio*, o livro extraordinário” (2003, p. 294). Todos sabiam o número da página com a célebre cena de sexo oral de Basílio em Luísa no “Paraíso”, comprovando que a descrição de atividade sexual era o principal atrativo do livro e que o leitor podia pular etapas e ir diretamente a ela, como ocorre na leitura pornográfica (Maingueneau, 2010).

Na edição de 24 de julho de 1878, a *Gazeta de Notícias* anunciou o início da publicação da “Biblioteca Galante”. Nas semanas seguintes, as cadernetas d’*O primo Basílio* acompanharam diariamente as edições do jornal. Antevendo críticas à qualidade da edição, a *Gazeta de Notícias* apontava o preço baixo como benefício: “A impressão é boa, quanto o pode ser uma edição barata”. Três semanas depois já era possível formar o primeiro volume d’*O primo Basílio*, que foi dividido em dois. No início de setembro as novas cadernetas foram reunidas no segundo volume. Havia a opção de comprar os volumes brochados por 1.000 réis cada. As brochuras foram enviadas a periódicos e livrarias de outras capitais, que agradeceram pelo envio e apresentaram a publicação. A nota de agradecimento dos jornais era um importante reclame do mercado de livros no período. Na edição de 13 de agosto, o jornal carioca *A Reforma* agradeceu pela cortesia e louvou a iniciativa da “Biblioteca Galante”, que punha “ao alcance das bolsas menos providas esse belo romance cujo sucesso é sem igual entre nós”. No Rio de Janeiro, além dos endereços da *Gazeta de Notícias*, as brochuras podiam ser adquiridas na tipografia de Maximiano Moreira; nas livrarias Garnier, Moura & Cunha e Serafim José Alves; e nas papelarias de Antônio Nunes de Oliveira e de Aprígio Martins Pereira. Comerciantes de folhetos, libretos e ingressos teatrais também vendiam os impressos.

As primeiras cadernetas do segundo livro da “Biblioteca Galante” apareceram dias depois d’*O primo Basílio* e traziam a reedição de outro romance de Eça de Queirós: *O crime do padre Amaro* (1877), da mesma Livraria Chardron. O autor português podia alegar que a obra era séria e moralizante, mas a apropriação do romance como “pornografia anticlerical” foi prática disseminada no fim do século (Mendes, 2019). Quando Eça de Queirós morreu, Artur Azevedo reconheceu o talento do escritor, mas assinalou que *O crime do padre Amaro* não era leitura para senhoras (Elói, o herói, 1900, p. 94). Numa reação comum no Brasil e em Portugal, o folhetim do *Diário de Belém* de 15 de julho de 1893 defendeu a impugnação do livro, pois espalhava “a leitura perniciosa de maus costumes, de vícios nauseativos, de ideias em antagonismo com a moral”. A tensão sexual do romance tinha na moldura

religiosa um componente clássico da pornografia: o anticlericalismo. O “padre sem fé” do naturalismo era um herdeiro do “padre devasso” das literaturas humanista e libertina (Ladenson, 2016). *O crime do padre Amaro* era um candidato natural à “Biblioteca Galante”. A publicação terminou no começo de setembro e totalizou 35 cadernetas. Reunidas, formavam um volume de mais de 500 páginas, ao preço final de 1.400 réis, com a opção de comprar o volume brochado por 1.500 réis. Para as províncias havia a opção de envio pelo correio por 2.000 réis.

A publicação das cadernetas repercutiu mal em Portugal, pois eram mais baratas do que as edições da Livraria Chardron. No Rio de Janeiro, a Livraria Luso-Brasileira vendia as edições portuguesas d’*O crime do padre Amaro* por 4.000 réis e d’*O primo Basílio* por 3.000 réis. Apesar de a propaganda nos jornais destacar os romances, as cadernetas incluíam outros escritos sem relação com o conteúdo licencioso, como alguns poemas dos “nossos melhores escritores”, variedades, ditos e anedotas. Não havia identificação dos editores nas cadernetas. Em carta divulgada por vários periódicos brasileiros, o editor Ernesto Chardron queixou-se da concorrência desleal dos editores brasileiros. O *Diário do Rio de Janeiro* de 24 de julho concordava: “Achamos galanteria de muito mau gosto esta extração, autorizada por lei, do produto pecuniário de um trabalho alheio”. A legislação sobre a propriedade intelectual só apareceria no Código Penal de 1890. As publicações da “Biblioteca Galante” podiam não ser éticas, mas não eram ilegais. Ciente de não haver lei para litigar a causa na justiça, o livreiro português obtinha consolo na declaração de que a nova edição d’*O crime do padre Amaro*, revista e transformada pelo autor, era um romance novo que tornava obsoletas as reimpressões brasileiras.

Ao encerrar *O primo Basílio*, a “Biblioteca Galante” começou a publicação do “romance de sensação” *Esposa e virgem* (1870), do escritor francês Adolphe Belot (1840-1897). A obra conta a história de um casamento que fracassa porque a esposa era lésbica (Janicka, 2013). Era uma tradução da 40ª edição francesa de *Mademoiselle Giraud, ma femme*, vendida em 15 cadernetas a 40 réis, totalizando um volume de 225 páginas a 600 réis, com preço aumentado para 1.000 réis quando concluída. Adolphe Belot foi teatrólogo e romancista conhecido. *Esposa e virgem* foi seu maior sucesso, mas publicou mais de quarenta romances, como o popular *A mulher de fogo* (1872), traduzido pela “Biblioteca de Algibeira” da Livraria Garnier. Até aquela data, 66 mil exemplares de *Esposa e virgem* haviam sido vendidos na França (Glaeser, 1878). O tema escandaloso da esposa lésbica justificava a publicação do livro na “Biblioteca Galante”. Para manter cautela, o romance vinha encadernado num volume com o título *Um pouco de tudo: poesias, pensamentos, ditos espirituosos, anedotas, receitas etc.* Segundo o jurista Viveiros de Castro (1862-1906), o sucesso espantoso de *Esposa e virgem*

deu origem a “uma aluvião de romances e contos sobre as lésbicas” (Castro, 1943, p. 202). Além dos locais tradicionais, *Esposa e virgem* podia ser encontrado na Livraria do Povo, no Rio de Janeiro; na Livraria Teixeira, em São Paulo; na Livraria Universal, no Maranhão; e na Livraria Acadêmica, na Bahia.

Quando terminou o livro de Belot, a “Biblioteca Galante” iniciou a publicação da última obra da série: o romance *Tristezas à beira mar* (1866), do escritor português Manoel Pinheiro Chagas (1842-1895). A obra narra as atribulações de um triângulo amoroso no qual as irmãs Leonor e Madalena disputam o amor de Jorge. Mais ousada e cosmopolita, Madalena vence a disputa, mas, ao final, o romance premia Leonor e valida o modelo tipicamente romântico da mulher submissa e sem ambições – a “mulher-anjo” (Gandra, 2012, p. 130). Pinheiro Chagas foi opositor do naturalismo e polemizou com Eça de Queirós enquanto viveu (Mónica, 2001). *Tristezas à beira mar* era uma escolha estranha para uma coleção de obras “galantes”, com heroínas insubmissas como a adúltera Luísa e a lésbica Paule Giraud. É notável a escassez de anúncios do livro de Pinheiro Chagas nas páginas na *Gazeta de Notícias*, especialmente quando comparado com *O crime do padre Amaro*, a obra que o periódico divulgou com mais empenho. Talvez a “Biblioteca Galante” fosse apenas uma empresa para republicar e vender livros contemporâneos de sucesso, e não uma coleção com perfil definido. Vimos que a “Biblioteca de Algibeira” publicava outros livros picantes de Adolphe Belot, mostrando como as inúmeras coleções que surgiram no período visavam essencialmente a vender impressos baratos no novo mercado editorial pós-1870.



Fig. 2: Os livros da “Biblioteca Galante” à venda no escritório do jornal. *Gazeta de Notícias*, 24 nov. 1878, p. 5.

A coluna “O Filhote”

Em 1896, a *Gazeta de Notícias* completou 21 anos e usou a conquista da maioria como licença para criar uma coluna diária de conteúdo satírico e licencioso publicada no canto superior direito da primeira página, chamada “O Filhote” (Simões Jr, 2007). A coluna teria nascido das entranhas do jornal, fruto de um processo de amadurecimento que o autorizava a ousar mais. Ela retomava o “riso de Rabelais” evocado por Lulu Sênior no folhetim do primeiro número e circulou de 2 de agosto de 1896 a 28 de maio de 1897. Sua característica mais marcante era ser rebelde e desaforada, como uma criança que ainda não conhece as regras de decoreta da sociedade. A permissividade inocente da criança como contexto comunicacional permitia circular conteúdos sexuais que seriam de outro modo inadmissíveis na imprensa periódica, mas muitos se espantavam que a *Gazeta de Notícias* se atrevesse a ir tão longe. Para *O Apóstolo*, se aquele era o filho que o jornal tinha para exibir na maioria, seria melhor chamá-lo de “Fístula”: “Aquilo é torpe, é pornográfico”, escreviam os padres editorialistas na edição de 7 de agosto de 1896, alertando para o perigo da entrada daquele “malcriado” nas casas de família. O jornal carioca *Liberdade* concordava e declarou em nota a 26 de agosto: “O Filhote” era uma seção “francamente pornográfica” criada para aumentar as vendas do jornal. Para os conservadores, a disseminação de pornografia impressa era uma epidemia que precisava ser combatida.

Ferreira de Araújo convidou Olavo Bilac para dirigir “O Filhote”. Exímio metrificador e já famoso na década de 1890, Bilac era dono de uma produção literária admirável, na qual seus “pendores de poeta satírico e fescenino” ocupavam lugar de destaque (Pontes, 1944, p. 356). Para compor a equipe, o escritor convidou Coelho Neto, Guimarães Passos e Pedro Rabelo. Como mandava a tradição, os escritores usavam pseudônimos, mas os jornais divulgavam constantemente quem era Puck (Bilac), Puff (Guimarães Passos), Caliban (Coelho Neto) e Pierrot (Pedro Rabelo). Havia outros pseudônimos que não sabemos a quem pertenciam, como Piff, Kiff e XXX. Na coluna, Puck, Puff e Pierrot escreviam exclusivamente em verso. Caliban era o prosador do grupo e autor de breves contos obscenos. Puck e Puff traziam a experiência pregressa na imprensa carnavalesca, para a qual contribuía com sátiras impiedosas em verso de muito sucesso (Trotta, 1967). Caliban vinha publicando contos e crônicas eróticas em jornais de todo o país desde o começo da década de 1890, com boa aceitação (Mendes, 2017). “O Filhote” não abria mão de sua missão noticiosa, mas tinha no discurso sobre o sexo o principal atrativo e razão maior do seu sucesso. Apesar de pouco valorizada pela historiografia, a escrita da coluna era um trabalho criativo e desafiador que exigia vasta cultura literária e discernimento para negociar limites de tolerância e admissibilidade.

O uso da coluna humorística para propagar conteúdo picante revela o vínculo da pornografia oitocentista com a sátira e o burlesco. No século XIX a pornografia pertencia aos chamados “gêneros alegres” (Pereira, 1997), que incluíam a imprensa satírica, os impressos pornográficos a 1.000 réis e os espetáculos de cabarés no Largo do Rossio, para os quais Puck e Puff colaboravam com canções obscenas (Pontes, s.d.). A chave burlesca valia também para o romance naturalista e por isso fazia sentido que *O primo Basílio* abrisse a “Biblioteca Galante”. Mesmo que os autores vissem suas obras como “estudos” sérios, trágicos e moralizadores, o mais comum era que fossem apropriadas por livreiros e grande público como literatura burlesca e libertina, quando não cômica, com cenas realistas de nudez e sexo que não eram fáceis de encontrar em outro lugar (Mendes, 2019). O fato de a descrição de atividade sexual estar vinculada ao riso não diminuía a capacidade dos escritos de causar sensações físicas nos leitores. A reação católica aos textos de “O Filhote” (que era disseminada e deve ser levada a sério) deixa claro que a presença do humor não turvava o conteúdo sexual e nem abalava seu impacto no leitor. O sexo valia por si mesmo e era capaz de “ativar a vontade” do corpo, despertando a imaginação licenciosa.

Para criar histórias e contextos obscenos, os textos de “O Filhote” partiam das obras de Rabelais, Boccaccio e Chaucer, dos “diálogos de prostitutas” de Aretino e de clássicos libertinos europeus como *Teresa Filósofa* (1748), atribuído a Marquês Boyer d’Argens (1704-1771). A fundamentação numa tradição letrada e erudita facilitava a aceitação e circulação dos textos. A literatura humanista do renascimento e o romance libertino eram tradições de um mundo pré-industrial, distantes no tempo, que davam aos escritos de “O Filhote” um ar de sonho e até de inocência. Era uma literatura da abundância, da conexão erótica com a matéria e do prazer sem culpa. O fundamento rabelaisiano criava uma zona de ambivalência e libertação ligada ao “baixo corporal”, que incluía o sexo, as partes íntimas do corpo e os atos de tomar banho, comer e ir ao banheiro (Bakhtin, 2010). Mantinha a “carnalidade triunfante” de Rabelais e dos *fabliaux* medievais, com seus “contos de adultério” e padres libidinosos (Ladenson, 2016), mas sem apelar para o “corpo grotesco” (Bakhtin, 2010), inadmissível na imprensa periódica e malvisto nos circuitos de maior prestígio social. A partir do fundamento no riso obsceno, os escritores reciclavam temas, personagens e configurações narrativas da literatura libertina. A ancoragem em tradições de prestígio social não impedia os periódicos conservadores de condenar o “realismo rabelaisiano” de “O Filhote” como mera pornografia.

Os pseudônimos dos escritores estavam ligados à cultura da carnavalização e a rituais de inversão de hierarquias e relativização da autoridade (Bakhtin, 2010). Puck e Caliban eram personagens de peças de William Shakespeare e ambos simbolizavam a força

indomável da natureza. O filtro shakespeariano era crucial para a admissibilidade dessa literatura nos circuitos letrados. Conhecido por suas patifarias, Puck, da comédia *Sonhos de uma noite de verão* (1595), é um duende habitante das florestas. Ele pertence ao mundo do sonho e da magia, que se contrapõe, na peça, às rígidas leis patriarcais dos atenienses. Em *A tempestade* (1611), Caliban é um habitante das cavernas que simboliza a força bruta da natureza. Puck e Caliban estavam fora da civilização e não se pautavam pelas leis patriarcais. Puff vinha do inglês e significava “sopro”. Guimarães Passos encarnava o poeta galhofeiro que produzia e “soprava” poesia erótica nos ouvidos dos foliões nos bailes de carnaval. Os “sopros” eram “versos-convite”, poemas anedóticos, licenciosos ou satíricos (Tinhorão, 2000, p. 87), que certamente inspiraram os escritos de “O Filhote”. Pierrot vinha da *Commedia dell’Arte* e projetava a imagem de um palhaço triste e ingênuo que fracassa no amor, mas não perde a inocência e a esperança. Por meio dessas *personae*, os escritores satirizavam valores morais e descreviam atividade sexual, em prosa e verso. A onipresente *Gazeta de Notícias* disseminava pornografia a 40 réis.

O sucesso de “O Filhote” incrementou as vendas do jornal e pavimentou o caminho para a publicação dos escritos em formato de livro. A Livraria Laemmert, no Rio de Janeiro, publicou a maior parte dos textos. Era um passo importante no processo de normalização da pornografia impressa, pois a Laemmert era uma das mais antigas e respeitadas livrarias do país. Fundada em 1838 e com poucos concorrentes no mercado de obras de referência e livros técnicos, a Laemmert alcançou notoriedade com a venda de dicionários, gramáticas, manuais e, especialmente, a partir de 1844, do *Almanaque Laemmert*, um catálogo dos negócios da indústria e do comércio na província do Rio de Janeiro (Hallewell, 1985). Em 1893, com a morte de Baptiste-Louis Garnier (1823-1893), a Laemmert começa a entrar no mercado de obras literárias, até então dominado pelo rival. Em 1897, a publicação dos textos de “O Filhote” era um desdobramento do processo. Nessa época, quem comandava os negócios era Gustavo Massow (1838-1905), um alemão que em 1857 emigrara para o Brasil e logo foi contratado para trabalhar na livraria. Na década de 1890 ele galgara o posto de sócio-gerente da Laemmert. Massow viu nos escritos da coluna uma oportunidade de atuar no novo mercado de “livros para homens” (Vieira, 2020). Criou a “Biblioteca do Solteirão”, apoiando-se na fantasia de liberdade masculina associada à imagem do homem maduro e endinheirado que preferiu não se casar. A coleção incluía outros romances naturalistas e sensacionalistas.

De Puck e Puff, a livraria publicou *Pimentões (rimas d'O Filhote)* em dezembro de 1897.⁵ A obra reúne 71 poemas picantes publicados anteriormente na coluna do jornal, sendo 38 de Puff e 33 de Puck. Havia mais quatro poemas que apareceram na coluna com outros pseudônimos, como XXX. A capa estampa a gravura colorida de uma discussão conjugal conciliada por um macaco. Uma mulher vexada e desgrenhada, vestindo uma camisola, aparece diante de um homem furioso, que era contido pelas explicações do animal. Por que a fúria do homem? Havia flagrado a mulher lendo *Pimentões*? Na cultura pagã do Renascimento, o macaco era considerado uma caricatura animalesca do homem e simbolizava a não repressão dos desejos sexuais (Bakhtin, 2010). O seu aparecimento no meio do casal podia sugerir que o animal advogava a favor do prazer sexual feminino. Os poemas são em sua maioria quadras rimadas em heptassílabos, a redondilha maior, que Bilac e Guimarães Passos, no *Tratado de versificação* (1905, p. 42), destacam como as “estrofes mais cultivadas” pelos poetas populares, devido ao ritmo agradável herdado das baladas medievais. A redondilha maior rimada no esquema ABAB é a forma predominante em *Pimentões*. Para ilustrar, citamos o poema “Ritinha”, de Puck, publicado na edição de 12 de março de 1897, que se destaca por abordar um tema tabu e onipresente na pornografia: o sexo anal. A menina gostava de “namorar pela frente” e por “de trás”. Ritinha é punida pelo pai, dando-lhe uma surra que quase a matou, mas a chave é cômica, e não trágica.

RITINHA

Ritinha, menina bela,
Que não faz nada por mal,
Namora pela janela,
Namora pelo quintal!

Prega-lhe o pai uma sova,
Que a põe de cama a chorar
E quase a conduz à cova.
E diz o velho a berrar:

- Arre! Agora, felizmente,
- Quero ver se inda és capaz
- De namorar pela frente

⁵ Conhecemos cinco exemplares da publicação. Um volume é da Biblioteca do Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro, e os outros quatro volumes são do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da Universidade de São Paulo. Além desses exemplares, há uma cópia digitalizada de *Pimentões*, cedida pela USP, no sítio eletrônico: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/?locale=en> do projeto Literatura Digital da Biblioteca de Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Santa Catarina.

- E namorar por detrás!

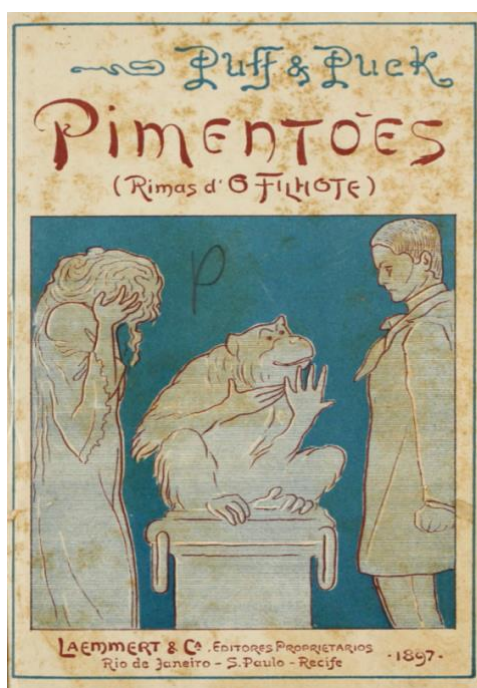


Fig. 3: Capa da edição de 1897 de *Pimentões (rimas d'O Filhote)*, da Livraria Laemmert. Exemplar do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo disponível no sítio do projeto Literatura Digital da Biblioteca de Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Entre 1897 e 1898, a Livraria Laemmert reuniu e publicou os contos de Caliban com o título da subseção do jornal: *Álbum de Caliban*. Contos anteriores a 1896 foram recolhidos e publicados junto com os de “O Filhote” em seis fascículos de 50 páginas por 1.500 réis cada, em formato de bolso, formando um volume final de 300 páginas.⁶ Os cinco primeiros fascículos reuniam 62 contos. O sexto fascículo trazia um longo poema erótico em prosa de Caliban para sua amada, Lenora. A publicação seriada era vantajosa para a livraria, pois elevava o preço final do *Álbum de Caliban* a 9.000 réis – uma obra cara –, mas havia a opção de adquirir os fascículos individualmente, garantindo o acesso ao impresso por um preço baixo. A impressão bem cuidada e nítida, em papel de qualidade, sugere que a Laemmert encarava o *Álbum de Caliban* como um produto fino e superior. Os anúncios da “Biblioteca do Solteirão” no jornal carioca *O Rio-Nu* de 15 setembro de 1900 destacavam: “É uma edição nítida e de luxo”. Caliban escrevia nos gêneros da pornografia oitocentista: “contos de adultério”, “histórias de prostitutas”, “odes ao pênis” e pornografia anticlerical (Mendes, 2017). Dentro do espírito de “O Filhote”, Caliban explorou a inocência infantil para veicular

⁶ A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro guarda o exemplar de *Álbum de Caliban* que pertenceu a Coelho Neto.

conteúdo licencioso. No conto “A aranha caranguejeira”, publicado na *Gazeta de Notícias* a 18 setembro de 1896, uma criança que teve um encontro traumático com uma “aranha enorme e veluda” entra em pânico, anos depois, quando espia sua babá tomando banho no córrego. De volta à casa, a criança não se acalma. Pressionada a provar que não havia aracnídeos, a babá mostra a vagina para o patrão.

Inicialmente, Gustavo Massow não publicou os escritos de Pierrot. Em 1897, as rimas do autor foram reunidas no volume *Filhotadas (Casos galantes d’ O Filhote)* e impressas pela Tipografia do “Jornal do Commercio” de Rodrigues & Co. Pedro Rabelo era funcionário da Secretaria do Conselho da Intendência Municipal, que contratava a mesma tipografia para os serviços de gráfica. O escritor pode ter usado sua posição para viabilizar a edição dos versos de Pierrot pela tipografia antes de Massow embarcar no projeto. Só em 1903 a livraria publicaria a literatura do autor no volume *Casos com pimenta: histórias para velhos*. Em 1905, editou novos escritos de Pierrot no volume *Casos alegres: histórias para sorumbáticos*. Mas *Filhotadas* foi incluído na “Biblioteca do Solteirão”, apesar de não ter o selo da livraria. Era vendido na faixa do livro popular a 2.000 réis. Trazia uma advertência do autor “à gente pudibunda”. Avisava que não era livro para crianças e nem literatura moral. Na Bahia, o jornal *Cidade do Salvador* alertou seus leitores na edição de 4 de janeiro de 1898 de que se tratava de “leitura perigosa, cheia de escândalo, leitura escabrosa”. Pierrot diz que *Filhotadas* trazia alguns escritos considerados ousados demais para aparecer na imprensa periódica. Um deles é o poema anticlerical “A boceta” (Pierrot, 1897, p. 73-5), que explorava, numa oitava de rimas mistas, o duplo sentido da palavra e usava o confessionário como local de sedução e circulação de história eróticas.

A BOCETA

– Padre! (contrita e chorosa)

A Maria faltas confessa...)

Padre! Perdi a cabeça!

Sou uma infeliz esposa

Que a seu marido enganou,

E, n’um dia de pecado,

Tudo que tinha jurado,

Desgraçada, desprezou!

– O crime é deveras grande...

(Diz o sacerdote austero)

Mas, condená-la não quero;

Conte-me como foi, ande...

Eu sei! São os maus conselhos!
Conheço muito o que isso é...
(E descansa sobre os joelhos
A boceta do rapé).

Fala a dama: - “Meu marido
Andava fora de casa...
Eu tinha a cabeça em brasa,
O corpo desfalecido...
Nisto, entra o primo Manoel;
É um tipo de muita ronha...
Padre! Poupe-me a vergonha
Desta confissão cruel!”

Volve o padre: - “É grave!” Nisto,
A um gesto, a boceta tomba...
(É uma boceta d’arromba
Com o nome – Padre Evaristo)
E ele aponta a saia preta
À moça acesa em rubor,
E diz: - “Faça-me favor,
Deixe-me ver a boceta...”

Apesar da importância da Livraria Laemmert para a cultura impressa no fim do século, os livros da “Biblioteca do Solteirão” se tornaram raridades bibliográficas. A pesquisa não localizou exemplar de *Casos com pimenta: histórias para velhos*. Um exemplar de *Casos alegres: histórias para sorumbáticos* foi localizado na Casa de Rui Barbosa (RJ), mas aparentemente não houve, em 1905, divulgação da obra nos jornais e nem comentários dos pares na imprensa. Uma explicação para essa invisibilidade pode ter sido o fato de que tanto Gustavo Massow quanto Pedro Rabelo adoeceram e morreram naquele ano (Vieira, 2020). Pierrot também era o menos proeminente dos autores de “O Filhote”. *Casos alegres* reunia 18 contos curtos e 8 poemas inéditos do autor. A folha de rosto estampava uma máxima rabelaisiana – “Tristezas não pagam dívidas” –, expressando o desejo de “economias de anti-austeridade”, típico da pornografia (Kipnis, 1996, p. 202). Pierrot praticava os tradicionais “contos de adultério”, fazia “pornografia anticlerical” e compunha “odes ao pênis” (Mendes, 2018). Seguindo o perfil de “O Filhote”, ele também usava o personagem da criança desafortada para veicular conteúdo licencioso. No conto “A vacina”, Juquinha diz que testemunhara a “vacina” do primo Juca pegando na perna da irmã, e “por sinal o primo depois entornou toda a vacina da seringa” (Pierrot, 1905, p. 20). Em “A bisnaga”, Pierrot

aproveitava a conversa entre duas meninas de 13 anos para descrever cenas semelhantes de masturbação e ejaculação entre primos.

Considerações finais

A atuação da *Gazeta de Notícias* no novo mercado livreiro ajudou a normalizar e popularizar a pornografia no Brasil pós-1870. A “Biblioteca Galante” vendia pela metade do preço das livrarias livros eróticos famosos que todos queriam ter e ler, como *Esposa e virgem* e *O primo Basílio*. Eram impressos de baixa qualidade e podiam ser superados por novas edições importadas, como no caso d’*O crime do padre Amaro*, mas para o leitor que comprava livro a 1.000 réis isso pouco importava. A *Gazeta de Notícias* tinha consciência do seu papel de popularizadora do livro e da leitura. No lançamento da “Biblioteca Galante” na edição de 24 de julho de 1878, bradava: “É inegável que essas publicações a baixo preço prestam importante serviço no desenvolvimento do gosto literário”. Mesmo assim, a “Biblioteca Galante” era uma empresa polêmica e por isso foi uma atividade editorial semiclandestina, sem identificação do editor e sem o nome do romance picante na capa dos livros. Em 1896, com a coluna “O Filhote”, a pornografia vai para a primeira página do jornal. Ferreira de Araújo e os escritores da coluna sabiam que estavam ultrapassando limites do que era admissível numa folha de grande circulação, como a *Gazeta de Notícias*. Apoiavam-se na fama dos escritores e na autoridade do periódico como criador de modas e tendências. Com a entrada da Livraria Laemmert no circuito, estavam dadas as condições para que a pornografia fosse comercializada nas livrarias da rua do Ouvidor e discretamente admitida nas casas burguesas.

Obras citadas

- Bakhtin, Mikhail. (2010) *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec.
- Barbosa, Marialva. (2010) *História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X.
- Bilac, Olavo. (1996) ‘Ferreira de Araújo’. In: *Vossa insolência: crônicas*. São Paulo: Cia das Letras, pp. 184-191.
- Bilac, Olavo & Passos, Sebastião Guimarães. *Tratado de versificação*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1905.
- Carvalho, Aderbal de. (1894) *O naturalismo no Brasil*. Maranhão: Livraria Contemporânea, Júlio Ramos & C. Editores.
- Castro, Francisco José Viveiros de. (1943) *Atentados ao pudor: estudos sobre as aberrações do instinto sexual*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Freitas Bastos.

- Deaecto, Marisa Midore. (2011) *O império dos livros: instituições e práticas de leitura na São Paulo oitocentista*. São Paulo: Edusp.
- Duque, Luiz Gonzaga. (1900) 'O primo Basílio. Notas sobre um fato', *Revista Contemporânea*, 19, pp. 7-12.
- El Far, Alessandra. (2004) *Páginas de sensação: Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Cia. das Letras.
- El Far, Alessandra. (2010) 'Ao gosto do povo: as edições baratíssimas de finais do século XIX'. In: Abreu, Márcia; Bragança, Aníbal (org.). *Impressos no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora UNESP, pp. 89-99.
- Eleazar [pseud. de Machado de Assis]. (1878) 'Folhetim do Cruzeiro – Literatura Realista – O Primo Basílio, Romance do Sr. Eça de Queirós – Porto – 1878', *O Cruzeiro*, 16 abril, p. 1.
- Elói, o herói [pseud. de Artur Azevedo]. (1900) 'Croniqueta', *A Estação*, 31 agosto, p. 94.
- Gandra, Jane Adriane. (2012) *Pinheiro Chagas, um escritor olvidado*. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa). São Paulo: USP, 2012.
- Glaeser, Ernest. (1878) *Biographie nationale des contemporains: rédigée par une Société de gens de lettres sous la direction de M. Ernest Glaeser*. Paris: Glaeser et Cie.
- Goulemot, Jean-Marie. (2000) *Esses livros que se leem com uma só mão. Leitura e leitores de livros pornográficos no século XVIII*. São Paulo, Discurso Editorial.
- Hallewell, Laurence. (1985) *O livro no Brasil (sua história)*. São Paulo: EDUSP.
- Hunt, Lynn. (1999) 'Obscenidade e as origens da modernidade'. In: Hunt, Lynn (ed.). *A invenção da pornografia: obscenidade e as origens da modernidade*. São Paulo: Editora Hedra, pp. 9-46.
- Janicka, Iwona. (2013) 'Homosocial bonds and narrative strategies in Adolphe Belot's *Mademoiselle Giraud, ma femme* (1870)', *Romanica Silesiana*, 8, p. 138-150.
- Kipnis, Laura. (1996) *Bound and Gagged: Pornography and the politics of fantasy in America*, Durham: Duke University Press.
- Ladenson, Elizabeth. (2016) 'Literature and sex'. In: Lyons, John D. (ed.). *The Cambridge Companion to French literature*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 222-240.
- Leão, Andréa Borges. (2012) *Brasil em imaginação. Livros, impressos e leituras infantis (1890-1915)*. Fortaleza: INESP/UFC.
- Lima, Mariana da Silva. (2010) 'Entre debates e picuinhas: a *Gazeta de Notícias* e a imprensa brasileira na virada do século XIX', *Miscelânea*, vol. 8, pp. 10-27.
- Lulu Sênior [pseud. de Ferreira de Araújo]. (1875) 'Folhetim da *Gazeta de Notícias*', *Gazeta de Notícias*, 2 agosto, p. 1.
- Maingueneau, Dominique. (2010) *O discurso pornográfico*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Mello, Maria Tereza Chaves de. (2007) *A República consentida: cultura democrática e científica do final do Império*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

- Mendes, Leonardo. (2019) 'O aborto, de Figueiredo Pimentel: naturalismo, pedagogia e pornografia no final do século XIX'. In: Mendes, Leonardo; Catharina, Pedro Paulo (org.). *Figueiredo Pimentel, um polígrafo na Belle Époque*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, pp. 261-349.
- Mendes, Leonardo. (2017) 'Álbum de Caliban: Coelho Neto e a literatura pornográfica na Primeira República', *O eixo e a roda*, 26 (3), p. 205-228.
- Mendes, Leonardo. (2018) 'Histórias para sorumbáticos: Pedro Rabelo e a literatura licenciosa na Belle Époque'. In: Negreiros, Carmem et al. (org.). *Belle Époque: efeitos e significações*. Rio de Janeiro: ABRALIC, pp. 90-109.
- Mendes, Leonardo. (2016a) 'O livro pornográfico na Belle Époque: a década de 1890 e a invenção da "leitura alegre"'. In: Negreiros, Carmem; Oliveira, Fátima; Gens, Rosa (org.). *Belle Époque: crítica, arte e cultura*. São Paulo: Ed. Intermeios, pp. 305-321.
- Mendes, Leonardo. (2016b) 'Livros para Homens: sucessos pornográficos no Brasil no final do século XIX', *Cadernos do IL*, 53, pp. 173-191.
- Mendes, Leonardo; Moreira, Aline. (2019) 'Rabelais e a imaginação licenciosa no Brasil oitocentista', *Revell*, 21(1), pp. 137-159.
- Miné, Elza. (2005) 'Ferreira de Araújo, ponte entre o Brasil e Portugal', *Via Atlântica*, 8, pp. 221-229.
- Mónica, Maria Filomena. (2001) 'Os fiéis inimigos: Eça de Queirós e Pinheiro Chagas', *Análise Social*, 36 (160), pp. 711-733.
- Moulton, Ian Frederick. (2000) *Before Pornography: Erotic writing in early modern England*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- Pereira, Cristiana Schettini. (1997) *Um gênero alegre: imprensa e pornografia no Rio de Janeiro (1898-1916)*. Dissertação (Mestrado em História Social). Campinas: Unicamp.
- Pereira, Leonardo Affonso de Miranda. (2004) *O carnaval das letras. Literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. Campinas: Editora Unicamp.
- Pierrot (pseud. de Pedro Rabelo). (1905) *Casos alegres: Histórias para sorumbáticos*. Rio de Janeiro: Livraria Laemmert.
- Pierrot (pseud. de Pedro Rabelo). (1897) *Filhotadas (Casos galantes d'O Filhote)*. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, de Rodrigues & C.
- Pontes, Eloy. (1944) *A vida exuberante de Olavo Bilac*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Pontes, Eloy. (s.d.) *Olavo Bilac. Bom Humor*. Rio de Janeiro: Editora Casa Mandarino.
- Ramos, Ana Flávia Cernic. (2005) *Política e humor nos últimos anos da monarquia: a série "Balas de estalo" (1883-1884)*. Dissertação (Mestrado em História Social). Campinas: Unicamp.
- Santana Jr, Odair Dutra. (2017) *Bastidores da literatura nas horas ociosas da tipografia do Jornal do Commercio (1827-1865)*. Dissertação (Mestrado em Letras). São José do Rio Preto: Unesp.
- Silva, Ana Cláudia Suriane da. (2010) *Machado de Assis's Philosopher or Dog? From Serial to Book Form*. New York: Routledge.
- Simões Jr, Álvaro. (2007) *A sátira do Parnaso. Estudo da poesia satírica de Olavo Bilac publicada em periódicos de 1894 a 1904*. São Paulo: Editora UNESP.

Sodré, Nelson Werneck. (1983) *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes.

Tinhorão, José Ramos. (2000) *A imprensa carnavalesca no Brasil*. São Paulo: Hedra.

Trotta, Laudímia. (1967) *O poeta boêmio Guimarães Passos*. Editora Souza Marques.

Várzea, Virgílio. (2003) 'A chuva'. In: *Contos completos*. Tomo I. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras, pp. 294-5.

Vieira, Renata Ferreira. (2020). *Leitura Alegre: livros licenciosos e de entretenimento no Brasil no final do Oitocentos (1896-1905)*. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada). Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro.